



Interamerican Journal of Psychology

ISSN: 0034-9690

rip@ufrgs.br

Sociedad Interamericana de Psicología
Puerto Rico

Castellá Sarriera, Jorge; Ferreira Moura Jr., James; Morais Ximenes, Verônica; Lopes Rodrigues, Anelise

SENTIDO DE COMUNIDADE COMO PROMOTOR DE BEM ESTAR EM CRIANÇAS
BRASILEIRAS

Interamerican Journal of Psychology, vol. 50, núm. 1, 2016, pp. 106-116

Sociedad Interamericana de Psicología

San Juan, Puerto Rico

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28446021012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



SENTIDO DE COMUNIDADE COMO PROMOTOR DE BEM ESTAR EM CRIANÇAS BRASILEIRAS

Jorge Castellá Sarriera¹

Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil

James Ferreira Moura Jr.

University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony. Brazil

Verônica Morais Ximenes

Federal University of Ceará, Brazil

Anelise Lopes Rodrigues

Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar o impacto do sentido de comunidade na predição do bem estar pessoal em crianças brasileiras do Sul do país. Participaram do estudo 1635 crianças, entre 8 e 13 anos ($M = 10,17$; $DP = 1,49$). Foram utilizadas a *Escala de Bem Estar Pessoal* (BEP) e o Índice Adaptado de Sentido de Comunidade. Por meio de Análises de Regressão Múltipla identificou-se que os fatores que compõem a dimensão “vinculação com a comunidade” bem como o fator “relações comunitárias” funcionam como preditores do BEP. Concebe-se a necessidade de promoção intervenções comunitárias com crianças com foco na vinculação com a comunidade e com os vizinhos e as vizinhas como forma de promoção de bem estar nas crianças brasileiras.

Palavras Chave:

Bem Estar Pessoal; Sentido de Comunidade; Infância.

ABSTRACT

This article aims to identify the impact of sense of community in predicting personal well-being in Brazilian children from the South Region of Brazil. The study included 1635 children between the ages of 8 and 13 years ($M=10.17$, $SD=1.49$). The Personal Well-Being Scale (PWB) and the adapted Sense of Community Index were used. Multiple Regression Analyses were performed with the full scale of personal well-being as the dependent variable. We identified that the scale factors community connectedness and community relationships are predictors of Personal Well-Being. Therefore, it is necessary to promote community based interventions with children with a focus on connectedness with the community and with neighbors as a way of promoting well-being among Brazilian children.

Keywords:

Personal Well-being; Sense of community; Childhood.

¹ Correspondence about this article should be address to: Jorge Castellá Sarriera, Email: jorgesarriera@gmail.com.

Sentido ou senso de comunidade é um conceito sócio-psicológico que enfatiza a experiência da comunidade, procurando compreender atitudes, sentimentos relacionamentos e interações entre as pessoas em um contexto comunitário (McMillan & Chavis, 1986). Refere-se ao “sentimento de que fazemos parte de uma rede de relacionamento de suporte mútuo, sempre disponível e da qual podemos depender” (Sarason, 1974, p. 1). O sentido de comunidade pode ser entendido como a própria representação de comunidade. Ou seja, deve ser entendido como englobando os aspectos físicos, territoriais e simbólicos constituintes de uma comunidade. Há uma rede de crenças, comportamentos e sentidos específicos em cada comunidade constituindo de um universo simbólico local específico. Este universo está igualmente formado por representações e práticas macrosociais geralmente fincadas em uma sociedade capitalista opressora (Góis, 2005). A comunidade deve ser entendida como a imbricação desses aspectos locais e globais.

Marante (2010) concebe que o sentido de comunidade pode ser identificado como o grau de vinculação do morador com sua comunidade. Assim, essa vinculação pode ser entendida como positiva ou negativa, porque depende igualmente da como a comunidade se estrutura. Deve ser compreendido que a comunidade é constituída de movimentos de libertação e opressão. Ou seja, ela pode funcionar como uma rede de suporte mútuo para os moradores, promovendo o fortalecimento da identidade pessoal e social, como também pode promover atitudes de servilismo, de passividade, de desagregação e de violência. Isso ocorre, porque a comunidade pode estar constituída de relações já permeadas por uma ótica da opressão e da manutenção do status quo. As comunidades urbanas geralmente estariam mais relacionadas com essas práticas mais opressoras (Góis, 2005).

Assim, Montero (2004) avalia que é necessário entender a comunidade como constituída de uma memória histórica que perpassa a vida dos moradores, tendo uma vinculação afetiva naqueles que a habitam. Como forma de operacionalizar essa conceituação mais geral de comunidade, Chavis, Hogge, McMillan e Wandersman (1986) realizaram um estudo exploratório com 1200 adultos que responderam a um questionário, composto de 23 questões abertas relacionadas ao sentido de comunidade psicológico, criando-se assim o Índice de Sentido de Comunidade. Essa escala está relacionada com a percepção de semelhança de cada indivíduo com outras pessoas; a interdependência mútua entre membros do grupo social no qual se encontra; a necessidade de manutenção de interdependência e de reciprocidade na conduta, com base nas expectativas levantadas; e o sentimento de fazer parte de uma estrutura maior estável e confiável (Sarason, 1974). Portanto, pode-se entender que os sentimentos de pertença e identificação com a comunidade podem estar relacionados à satisfação com a vida. Dessa maneira, pressupõe-se que tais construtos relacionados à dimensão comunitária possam ser fundamentais para um pleno entendimento do bem-estar subjetivo (Elvas & Moniz, 2010).

Segundo Sarriera (2011), o bem estar é “uma meta a ser conquistada social e politicamente” (p. 248). Swindells, Lawthom, Rowley, Siddiquee, Kilroy e Kagan (2013) afirmam que o bem estar é um conceito complexo constituído de duas perspectivas: hedônica e eudemônica. A perspectiva hedônica mais relacionada ao prazer e à felicidade é normalmente associada ao bem estar subjetivo. Segundo Diener, Suh, Lucas e Smith (1999), ele está relacionado às repostas emocionais positivas e negativas, satisfação com os domínios da vida e seus julgamentos ao longo do tempo, tendo uma forte relação com aspectos relacionados à felicidade. Assim, de acordo com Ryan e Deci (2001), bem estar subjetivo se refere à avaliação pessoal do próprio sujeito sobre sua vida. Galinha e Ribeiro (2005) apontam que o bem estar subjetivo está relacionado a uma perspectiva positiva de saúde, englobando aspectos cognitivos e afetivos.

Diener (2012) afirma que o bem estar subjetivo está relacionado a julgamentos feitos pelos indivíduos sobre suas vidas nos âmbitos cognitivos e afetivos. Esses balanços estão vinculados a parâmetros construídos pelos sujeitos, funcionando como balizadores das avaliações desenvolvidas. Já a perspectiva eudemônica está mais voltada para uma perspectiva de avaliação global sobre a vida, vinculando, assim, uma postura de busca por crescimento pessoal e autonomia (Swindells et al, 2013). Esta perspectiva pode ser entendida como constituída do bem estar psicológico.

Assim, como forma de abranger, essas duas tendências, utiliza-se o conceito de bem estar pessoal que seria compreendido como abarcando o bem estar subjetivo e o bem estar psicológico (Ribeiro & Cummins, 2008). Entende-se que o sentido de comunidade pode proporcionar um aumento do bem estar pessoal. Sabe-se que o bem estar pessoal é influenciado por aspectos internos (psicológicos) e por dimensões psicossociais (Cummins & Lau, 2005). De acordo com Casas (2010), o bem estar pessoal seria constituído de avaliações mais



subjetivas e objetivas, sendo uma imbricação de aspectos internos e externos em relação com outras pessoas e com a realidade. Dessa maneira, o bem estar pessoal porta construtos centrais, como satisfação global com a vida, felicidade e satisfação com os âmbitos da vida. E igualmente é constituído de concepções periféricas em que se poderia inserir o sentido de comunidade. Isso ocorre, porque se entende que possa fazer parte do bem estar pessoal as relações com os vizinhos e as vizinhas e com a comunidade.

Casas, González e Navarro (2013) afirmam que nos estudos do bem estar infantil é necessário compreender, de forma aprofundada, a relação do bem estar com aspectos comunitários. É necessário entender como a comunidade pode constituir-se em fator preditor de bem estar. Torna-se igualmente importante, nessa perspectiva de investigação, conceber o bem estar como constituinte de aspectos positivos, posicionando as crianças como produtores de conhecimento e de orientação de políticas para promoção de seu bem estar. Portanto, as crianças devem ser as melhores informantes para apresentar aspectos que estejam relacionadas a seu bem estar.

Segundo Pollard e Lee (2003), a prioridade de aspectos positivos na compreensão e na mensuração do bem estar na infância são raros. Além disso, o foco em dimensões relacionadas à realidade da criança não é comumente realizada. É necessária a desconstrução da perspectiva adultocêntrica nas investigações. Geralmente, as pesquisas relacionadas ao bem estar na infância somente estão focadas no futuro das crianças, não respeitando a diversidade, o contexto e a especificidade em que a crianças estão situadas. Partindo dessa perspectiva, é importante entender como as relações comunitárias e a vinculação com a comunidade pode estar relacionada a aspectos relativos ao bem estar das crianças.

Rogers (2012) realizou, durante um ano, uma investigação-ação de caráter qualitativo com 132 crianças, de 7 a 12 anos, em um bairro pobre da Irlanda, com o objetivo de analisar como essas crianças – de forma autônoma – utilizavam cotidianamente seu bairro e suas relações de vizinhança. Verificou-se que as crianças utilizavam os diferentes espaços da sua comunidade, como também construíam relações com seus vizinhos e suas vizinhas baseadas na cooperação e no apoio. No entanto, igualmente essas crianças percebiam os perigos e os problemas de sua comunidade, indicando resoluções e orientações para os governantes resolverem as problemáticas por elas apontadas. Como resultados gerais, essa investigação evidenciou a importância das relações comunitárias e a liberdade das crianças explorarem o contexto comunitário como indicadores do bem estar infantil.

Os resultados dessa última autora também se assemelham com os identificados por Goswami (2012), que realizou uma pesquisa de levantamento com 4673 crianças de 8 e 10 anos na Inglaterra com o objetivo de analisar aspectos positivos e negativos das relações interpessoais nas crianças inglesas. Dessa maneira, foram identificadas que a relações familiares seguidas das relações positivas de amizade que são desenvolvidas na comunidade são as mais significativas como predictoras do bem estar subjetivo. De forma um pouco menos relevante, a integração da criança com os adultos da comunidade também pode promover o aumento do bem estar subjetivo. Percebe-se que essas relações positivas de amizade entre crianças podem se desenvolver no bairro já tendo sido apontadas como positivas para a satisfação das crianças. No entanto, as relações comunitárias integrativas com adultos também são identificadas nessa investigação como positivas, expandindo, assim, o escopo explicativo das relações comunitárias.

Maximizando as considerações acerca da comunidade como preditora do bem estar pessoal em crianças, Corraliza e Collado (2011) realizaram um estudo com 172 crianças, entre 10 a 13 anos, na cidade de Cuenca, na Espanha, com a finalidade de analisar os efeitos positivos da natureza próxima. Foi analisada a quantidade objetiva de natureza próxima na escola e nas residências das crianças, assim como observada a natureza percebida pelas crianças. Foi examinada se a natureza funcionava como uma redutora do estresse. Portanto, a natureza percebida e objetiva nas diversas situações (colégio e residência) funcionava com uma correlação negativa com o estresse médio. Apesar de não ser trabalhado com o bem estar pessoal, a redução do estresse funciona como um indicador de satisfação e bem estar, apontando também para o ambiente físico próximo como mediador dessa relação com o bem estar e como fazendo parte da comunidade.

Observa-se que o enfoque na dimensão comunitária no bem estar pessoal está relacionada à satisfação positiva nos relacionamentos entre crianças e adultos em suas vizinhanças, assim como a utilização autônoma do ambiente físico das comunidade pelas crianças. Caso esse ambiente seja constituído de aspectos naturais, haveria

a potencialização ainda maior do bem estar nas crianças. Isso é importante, porque essas relações próximas entre crianças e vizinhas/vizinhos, assim como o ambiente físico das comunidades, podem criar um ciclo virtuoso de preditores do bem estar na infância. Dessa maneira, a dimensão comunitária é uma importante área capaz de contribuir para elaboração de considerações sobre o bem estar na infância. Esse trabalho busca ampliar a compreensão de aspectos psicossociais comunitários sobre o bem estar e objetiva identificar o impacto do sentido de comunidade na predição do bem estar pessoal em crianças brasileiras, residentes na região sul do país.

Método

Participantes

Participaram do estudo 1635 crianças, entre 8 e 13 anos ($M = 10,17$; $DP = 1,49$), de ambos os sexos, sendo 53,1% meninas e 46,9% meninos, oriundas de escolas públicas (67,9%) e privadas (32,1%) do Estado do Rio Grande do Sul/BR. É importante salientar que a idade das e dos participantes tem um diversidade significativa, mas que representa de maneira adequada as características da distribuição amostral da região. Análise multigrupos evidenciaram invariância métrica nos três grupos de idade pesquisados (8, 10 e 12), embora apresentassem invariância escalar (Sarriera et al, 2015). Destas escolas, 38% estão localizadas na capital Porto Alegre, 39% na Região Metropolitana e 23% em cidades do interior do Estado.

Instrumentos

Assim, como forma de operacionalizar essa compreensão do bem estar pessoal, foi utilizada o Índice de Bem Estar Pessoal (BEP) ou *Personal Wellbeing Index* (PWI) (International Wellbeing Group, 2006). A partir dos estudos realizados recentemente sobre a validade da escala (Alfaro et al, 2015; Casas et al. 2011; Sarriera et al, 2014) e, em especial no Brasil (Bedin e Sarriera, 2015) foram realizadas modificações nessa escala e desenvolvida a Escala de Bem Estar Pessoal a partir dos seguintes domínios: padrão de vida, saúde, realizações na vida, relacionamentos, segurança, sentido de comunidade, segurança em relação ao futuro e espiritualidade. Cada domínio pode ser representando como um aspecto do bem estar. Ela foi aplicada em formato tipo Likert de variações de 1 ponto entre os valores 0 (totalmente insatisfeito) e 10 (totalmente satisfeito). O índice de Bem Estar Pessoal é uma escala amplamente utilizada para população infantil, possui alfa de *Cronbach* de 0.85 (Cummins & Lau, 2005) e é composta pelos seguintes itens: satisfação com sua saúde, satisfação com todas as coisas que você possui, satisfação com as coisas nas quais você quer ser bom, satisfação com relacionamento com as pessoas em geral, satisfação sobre o quanto seguro você se sente, satisfação sobre fazer coisas longe de casa, satisfação sobre o que pode acontecer com você no futuro (International Wellbeing Group, 2006). Assim, o BEP está ligado aos aspectos mais centrais do Bem Estar Pessoal, pois se refere prioritariamente à satisfação global com a vida, em diferentes âmbitos.

Igualmente, foi utilizado o Índice de Sentido de Comunidade que foi originalmente desenvolvido por Chavis e colaboradores (1986), composta de 12 itens que englobam quatro dimensões do sentido de comunidade: estatuto de membro; ligações emocionais compartilhadas; influência; e integração e satisfação de necessidades. Cabe salientar que foi realizado um estudo piloto antes da aplicação definitiva da escala com 30 crianças. Segundos as crianças participantes, os itens “pessoas nesse bairro não dividem os mesmos valores”, “eu não tenho influência sobre como esse bairro é”, “poucos vizinhos/vizinhas me conhecem” e “pessoas nesse bairro geralmente não se dão bem” foram de difícil compreensão (possivelmente por tratar-se de itens invertidos). Optou-se –assim – pela exclusão de tais itens das análises. Optou-se também pela retirada do item “eu penso que meu bairro é um bom lugar para eu viver”, pois este apresentava sentido redundante com outras questões presentes no questionário, de acordo com as avaliações referidas pelas crianças submetidas ao estudo piloto.

Foram igualmente acrescentados ao instrumento adaptado dois itens relacionados à realidade das crianças que integram ao questionário da pesquisa *Children's Worlds – The International Survey of Children's Well-Being*: “em meu bairro há lugares suficientes para brincar ou me divertir” e “eu me sinto seguro quando caminho no meu bairro”. Esses itens foram adicionados, à critério dos pesquisadores, por considerar a necessidade de abordar itens relacionados à realidade das crianças brasileiras, em especial no que se refere aos aspectos ligados à ludicidade e segurança. O instrumento final foi, portanto, composto por 9 itens, sendo respondido em uma escala likert de 5 pontos, variando de “discordo muito” a “concordo muito”.



A partir de uma análise fatorial exploratória, foi identificada a existência de dois fatores, tendo a escala como um todo um α de Cronbach de 0.78, sendo o fator1 0,73 e o fator2 0,58. Na análise Factorial Confirmatória (AFC) os dois fatores fazem parte de um sólida estrutura fatorial com ajuste de CFI .975 e RMSEA .043 (Sarriera et al, 2015). Os itens do primeiro fator (“Eu espero viver nesse bairro por um longo tempo”; “É muito importante para mim viver nesse bairro”; “Eu me sinto em casa nesse bairro”; “Eu me sinto seguro quando caminho no meu bairro”; “Em meu bairro há lugares suficientes para brincar”) são referentes aos aspectos positivos relacionados à vinculação com a comunidade, como valorização e satisfação ao ambiente de moradia, incluindo variáveis vinculadas à realidades das crianças como segurança em caminhar pela comunidade e satisfação em brincar na comunidade. Os itens do segundo fator (“Eu me importo com o que os meus vizinhos/minhas vizinhas pensam”; “Meus vizinhos/minhas vizinhas e eu queremos coisas parecidas”; “Eu consigo reconhecer pessoas que vivem no bairro”; “Se houver um problema as pessoas podem resolvê-lo”) constituem a estrutura das relações entre vizinhos/vizinhas e vizinhas das crianças, abrangendo reconhecimento positivo, compartilhamento de valores e apoio social prestado pela vizinhança.

Procedimento

Essa pesquisa faz parte de um estudo de cooperação internacional da organização *Children's World* que tem o objetivo de investigar e propor políticas relacionadas à promoção do bem estar infantil. Primeiramente, foi realizada a tradução das escalas para o português e aplicado um estudo piloto. Em seguida, foram feitas as modificações necessárias e o contato com as escolas, adotando-se critério por conveniência. As instituições que aceitaram participar preencheram o Termo de Concordância Institucional, e as crianças receberam cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para autorização dos pais ou responsáveis. Somente puderam participar do estudo as crianças que devolveram o TCLE assinado e que se dispuseram a preencher o questionário. As aplicações foram desenvolvidas em sala de aula das escolas, geralmente conduzidas por dois pesquisadores, durando cerca de 50 minutos. É importante esclarecer que em toda a pesquisa as normas e atitudes éticas foram preservadas, de acordo com os critérios de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade.

Procedimentos de Análise

Foram realizadas análises descritivas dos itens das escala de sentido de comunidade. Em seguida, foi feita uma análise de regressão múltipla com os dois fatores da escala de sentido de comunidade e com os itens da escala como variáveis independentes e com o valor total da escala de Bem Estar Pessoal como variável dependente. Na análise de regressão, foi utilizado o procedimento *stepwise* com nível de significância de 0.05.

Resultados

Analisando-se os dados descritivos da Escala de Sentido de Comunidade (conforme Tabela 1), identifica-se que as crianças relataram sentir-se em casa no seu bairro de forma bastante elevada ($M = 3,15$). Com o patamar mais baixo, elas percebem que não tem os mesmos objetivos que os vizinhos e as vizinhas ($M = 1,73$).

Tabela 1
Dados descritivos do Índice de Sentido de Comunidade

	N	Mínimo	Máximo	M	DP
Eu espero viver nesse bairro por um longo tempo	1635	0	4	2,90	1,33
É muito importante para mim viver nesse bairro	1635	0	4	2,90	1,19
Eu me sinto em casa nesse bairro	1635	0	4	3,15	1,07
Eu me sinto seguro quando caminho no meu bairro	1635	0	4	2,63	1,26
Em meu bairro há lugares suficientes para brincar	1635	0	4	2,76	1,29
Meus vizinhos/minhas vizinhas e eu queremos coisas parecidas	1635	0	4	1,73	1,31
Eu consigo reconhecer muitas pessoas que vivem no meu bairro	1635	0	4	2,91	1,17
Eu me importo com o que os meus vizinhos/minhas vizinhas pensam das minhas ações	1635	0	4	2,35	1,44
Se houver um problema nesse bairro as pessoas que vivem aqui podem resolvê-lo	1635	0	4	2,53	1,25

Foi realizada também uma análise de regressão com os dois fatores da escala de sentido de comunidade (Tabela 2). Indica-se que os dois fatores são preditores de bem estar pessoal ($R = 0,430$, $F(2,1120)=127,042$, $p < 0,001$) com 18,4% de variância explicada, sendo que a dimensão de vinculação positiva com a comunidade ($B = .350$, $p < 0,001$) tem mais capacidade preditiva do que o fator relações comunitárias ($B = .130$, $p < 0,001$).

Tabela 2
Resultados da Análise de Regressão do Bem Estar Pessoal como variável dependente e os fatores do Índice de Sentido de Comunidade como variáveis independentes.

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	T	p
	B	Erro Padrão	Beta		
(Constante)	7,277	0,109		66,474	0,001
Fator Vinculação positiva com a Comunidade	0,442	0,040	0,350	11,140	0,001
Fator Relações comunitárias	0,166	0,040	0,130	4,130	0,001

Na tabela 3 e 4, avaliam-se os graus de predição do bem estar pelos itens, de forma específica. Assim, verificou-se que o único item que não teria capacidade preditiva em relação ao bem estar foi “Eu espero viver nesse bairro por um longo tempo” relacionado à dimensão comunitária. Nesse mesma dimensão, o item que estaria mais relacionado ao bem estar é “Eu me sinto em casa nesse bairro”. O modelo preditivo constituído dos quatro itens relacionados à vinculação com a comunidade tem uma capacidade preditiva de 18,5% ($R = 0,433$, $F(4,1120) = 64,29$, $p < 0,001$). É importante salientar que todos os outros itens também contribuem para o bem estar pessoal na dimensão sobre vinculação positiva com a comunidade com os seguintes valores: Eu me sinto em casa nesse bairro ($B = .229$, $p < 0,001$); Eu me sinto seguro quando caminho no meu bairro ($B = .136$, $p < 0,001$); É muito importante para mim viver nesse bairro ($B = .118$, $p < 0,001$); Em meu bairro há lugares suficientes para brincar ($B = .102$, $p < 0,001$).



Tabela 3

Resultados da Análise de Regressão do Bem Estar Pessoal como variável dependente e os itens do fator a vinculação com a comunidade do Índice de Sentido de Comunidade como variáveis independentes.

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	T	p
	B	Erro Padrão	Beta		
(Constante)	7,306	0,107		68,380	0.001
Eu me sinto em casa nesse bairro	0,239	0,034	0,229	6,948	0.001
Eu me sinto seguro quando caminho no meu bairro	0,121	0,027	0,136	4,452	0.001
É muito importante para mim viver nesse bairro	0,111	0,030	0,118	3,653	0.001
Em meu bairro há lugares suficientes para brincar	0,088	0,026	0,102	3,394	0.001
R = 0,433 R ² = 0,187 R ² ajustado = 0,185					

Essa tendência da maioria dos itens serem preditores do bem estar também se repete na dimensão de relações comunitárias, mas com uma capacidade preditiva do modelo menor, constando 9,3% de porcentagem explicativa (R = 0,310, F(4,1120) = 29,69, p < 0,001). No entanto, o item que estaria mais relacionado ao bem estar é “Eu consigo reconhecer muitas pessoas que vivem no meu bairro” (B = .136, p < 0,001), seguido dos itens: “Se houver um problema nesse bairro as pessoas que vivem aqui podem resolvê-lo” (B = .119, p < 0,001); “Eu me importo com o que os meus vizinhos/minhas vizinhas pensam das minhas ações” (B = .106, p < 0,001); “Meus vizinhos/minhas vizinhas e eu queremos coisas parecidas” (B = .098, p < 0,001).

Tabela 4

Resultados da Análise de Regressão do Bem Estar Pessoal como variável dependente e os itens do fator relações comunitárias do Índice de Sentido de Comunidade como variáveis independentes.

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	T	p
	B	Erro Padrão	Beta		
(Constante)	7,959	0,099		80,313	0.001
Eu consigo reconhecer muitas pessoas que vivem no meu bairro	0,129	0,029	0,136	4,402	0.001
Se houver um problema nesse bairro as pessoas que vivem aqui podem resolvê-lo	0,107	0,028	0,119	3,858	0.001
Eu me importo com o que os meus vizinhos/minhas vizinhas pensam das minhas ações	0,080	0,023	0,106	3,478	0.001
Meus vizinhos/minhas vizinhas e eu queremos coisas parecidas	0,084	0,027	0,098	3,162	0.001

a. Variável Dependente: Bem Estar Pessoal

R = 0,310 R² = 0,096 R² ajustado = 0,093

Discussão

A partir dos resultados, verifica-se que o sentido de comunidade funciona como um promotor de bem estar pessoal em crianças residentes na região sul do Brasil. É importante salientar que as médias de todos os itens da escala de sentido de comunidade se mostraram elevadas. O único item que possui um valor mais baixo está relacionado à semelhança de aspirações entre os vizinhos e as vizinhas. Tal resultado pode estar associado ao fato de as comunidades serem constituídas de forma múltipla e diversificada. É importante salientar que os participantes desta pesquisa eram oriundos, principalmente, de comunidades urbanas. De acordo com Góis (2005), as comunidades urbanas estão constituídas de um trânsito mais constante de moradores. Há diversos novos moradores, como igualmente os horários de convivência são diversificados, podendo acarretar em não compartilhamento de visões entre os indivíduos. Pode ser igualmente esta a explicação para a dimensão das relações comunitárias nas crianças demonstrar uma menor capacidade preditiva do bem estar, sendo a vinculação com a comunidade o fator que se mostrou mais preditor.

Dessa maneira, entende-se que a comunidade de uma forma geral, em seus aspectos físicos e simbólicos, funciona como preditora de bem estar de forma mais significativa que as relações entre vizinhos e vizinhas. Isso pode ser salientado pela força do item “Eu me sinto em casa nesse bairro” como o que estaria mais relacionado com o bem estar pessoal. Pode-se compreender que as crianças tem um sentimento positivo com a comunidade, trazendo uma maior satisfação pelo seu local de moradia. Dessa maneira, o foco em aspectos comunitários está relacionado ao aumento do bem-estar infantil. Um estudo com crianças e adolescentes portugueses identificou essa relação significativa entre o sentido de comunidade e a satisfação de vida. O aumento no sentimento de pertença e de identificação com a comunidade associou-se ao aumento do nível de satisfação de vida (Elvas & Moniz, 2010).

Em relação aos itens do fator vinculação como preditores do BEP, no fator vinculação com a comunidade, o item “Eu espero viver nesse bairro por um longo tempo” não entrou no modelo preditivo. Apesar desse resultado, os outros itens relacionados à satisfação, a importância, a segurança e a atividades de recreação proporcionadas pela comunidade se correlacionaram de forma significativa e positiva com BEP. É interessante evidenciar que há um alto índice de satisfação das crianças em seus bairros desde uma perspectiva de segurança em estar no bairro, como de lazer em utilizá-lo de forma recreativa. Esse resultado se assemelha com os achados de Rogers (2012) sobre as crianças irlandesas de um bairro pobre e violento. Por mais que estejam situadas em um contexto adverso, as crianças encontram possibilidades de satisfação nos ambientes em que estão situadas. Também, deve-se salientar que o Rio Grande do Sul é um dos estados menos violentos do Brasil. Esse resultado relacionado ao sentimento de segurança em caminhar pelo bairro pode ser uma característica específica de regiões onde a sensação de insegurança não é tão elevada. Isso também está relacionado com o tipo de investigação que também é realizado, porque, como evidencia Casas e colaboradores (2013), quando há uma tendência investigativa que priorize a perspectiva das crianças, os resultados se apresentam de forma mais singular e vinculados à realidade.

No que diz respeito ao fator das relações comunitárias, todos os itens mostraram-se preditores do BEP. No entanto, o item que estaria mais relacionado ao bem estar seria aquele relacionado ao reconhecimento da criança por parte dos outros moradores. Assim, as relações comunitárias podem ser entendidas como relações de reconhecimento. Montero (2004) afirma que a comunidade e as relações construídas nesse espaço são constituintes da identidade do morador. Dessa maneira, para as crianças brasileiras a importância dessas relações também é central apesar de vinculação com a comunidade ter uma maior capacidade preditiva. Obviamente, evidencia-se que essas relações comunitárias precisam ser positivas, porque, como também aponta Góis (2012), as relações comunitárias podem ser desagregadoras e nocivas aos indivíduos. Por isso, um dos outros itens que são constituintes do BEP é sobre a capacidade ajuda mútua dos vizinhos e das vizinhas na comunidade, sendo um espaço de construção de relações solidárias e fortalecedoras nas crianças do sul do Brasil.

Em nível coletivo, um maior sentido de comunidade pode trazer maior proteção e segurança, maior preocupação com a comunidade, mais colaboração entre as pessoas, menores índices de suicídios e diminuição da criminalidade (Elvas & Moniz, 2010). Em nível individual, o sentido de comunidade pode promover maiores níveis de bem-estar e satisfação com a vida, além de menor solidão e isolamento (Amaro, 2007), sendo importante realizar investigações para avaliação dessa relação entre comunidade e bem estar pessoal em crianças brasileiras. Além disso, no plano das intervenções psicossociais e comunitárias, sugere-se a utilização do Índice de Sentido de Comunidade nos grupos ou comunidades onde se pretende atuar. Com esses resultados, pode-se



identificar como estaria o nível de vinculação positiva com a comunidade e as relações comunitárias entre os vizinhos e as vizinhas, possibilitando assim o desenvolvimento de intervenções planejadas a partir do contexto específico.

Neste sentido, torna-se relevante ressaltar o conceito de capital social, o qual parte da premissa de que desenvolvimento social não se restringe a crescimento econômico, uma vez que se considera que é necessário muito mais do que capital econômico para que uma sociedade ou uma comunidade efetivamente se desenvolva. Para que haja um desenvolvimento efetivo e sustentável é imprescindível que ocorra o fortalecimento dos laços entre as pessoas, fortalecimento esse que deve ser fomentado a partir da formação de redes comunitárias que propiciem relações de cooperação e solidariedade entre os membros dessas comunidades. Lembrando que a partir dessa perspectiva o poder não está no capital econômico, mas sim na força das relações existente entre as pessoas. (Franco, 2004)

Assim, entende-se que programas e projetos que visam promover o desenvolvimento comunitário por meio do fortalecimento do capital social podem fazer uso do instrumento aqui apresentado como forma de mensurar desde a infância o sentido de pertencimento em contextos comunitários. A identificação do nível de envolvimento dos membros de uma comunidade pode constituir-se em um importante indicador não apenas do bem-estar, mas também do capital social dessa comunidade e de sua força ou poder coletivo para fomentar seu próprio desenvolvimento e de sua comunidade como um todo. Oros (2009) igualmente afirma que a promoção de aspectos positivos da vida, como o bem estar pessoal, pode ser um fator protetivo frente às adversidades que muitas crianças latino-americanas vivenciam. A autora enfatiza que esses recursos psicológicos fortaleceriam as crianças, auxiliando-as no enfrentamento de contextos opressores, como a realidade da pobreza. Assim, a promoção da vinculação com a comunidade e com os vizinhos e as vizinhas seriam um promotor do bem estar pessoal e, conseqüentemente, de atitudes mais fortalecidas das crianças.

Conclusões

Este estudo evidenciou a importância da vinculação com a comunidade e com os vizinhos e as vizinhas no bem estar pessoal de crianças brasileiras residentes na região sul do Brasil. Amplia-se, assim, o escopo de entendimento do bem estar pessoal na infância e põe-se em evidência a importância dos aspectos comunitários na promoção do bem estar pessoal. E, compreendendo esse bem estar pessoal como uma estratégia de fortalecimento de meninos e meninas brasileiros, observa-se a necessidade de criação de intervenções que busque promover o bem estar e o sentido de comunidade deste público específico. Dessa maneira, o empoderamento comunitário deve constituir-se numa das metas de governos de países em desenvolvimento, como o caso do Brasil, visando desenvolver potencialidades aproveitando-se dos recursos locais existentes na própria comunidade. O uso dessas escalas com populações jovens permitirá identificar o quanto os membros de comunidades alvo de programas se percebem como integrantes de suas comunidades e como está constituído seu bem estar pessoal, podendo tornar-se um importante instrumento de avaliação que poderá guiar o planejamento e as ações de psicólogos, assistentes sociais, e demais atores nas políticas públicas e sociais de desenvolvimento.

Referências

- Alfaro, J.; Casas, F.; Sarriera, J. C.; Bedin, L.; Grigosas, B.; Baltatescu, S.; Malo, S.; Sirlopu, D. (2015). El bienestar subjetivo en la infancia: Estudio de la comparabilidad de 3 escalas psicométricas en 4 países de habla latina. *Psicoperspectivas: Individuo y Sociedad*, 14, 6-18.
- Amaro, J. P. (2007). Sentimento psicológico de comunidade: Uma revisão. *Análise Psicológica*, XXV(1), 25-33.
- Bedin, L. M.; Sarriera, J. C. (2015). Propriedades psicométricas das escalas de bem-estar: PWI, SWLS, BMSLSS e CAS. *Avaliação Psicológica*, 13, 213-225.
- Casas, F. (2010). El bienestar personal: Su investigación en la infancia y la adolescencia. *Encuentros en Psicología Social*, 5(1), 85-101.
- Casas, F.; Sarriera, J. C.; Alfaro, J.; González, M.; Malo, S.; Bertran, I.; Figuer, C.; Abs, D.; Bedin, L. ;

- Paradiso, A.; Weinreich, K.; Valdenegro, B. (2011). Testing the Personal Wellbeing Index on 12-16 Year-Old Adolescents in 3 Different Countries with 2 New Items. *Social Indicators Research*, 105, 461-482.
- Casas, F., González, M., & Navarro, D. (2013). Social psychology and child well-being. In A. Ben-Arieh, I. Fronese, F. Casas, & J.E. Korbin (Eds.). *Handbook of child well-being* (pp. 513-554). Springer: New York.
- Chavis, D., Hogge, J., McMillan, D., & Wandersman, A. (1986). Sense of community through Brunswick's Lens: A first look. *Journal of Community Psychology*, 14, 24-40.
- Corraliza, J., Collado, S., & Bethelmy, L. (2012). Nature as a moderator of stress in urban children. *Procedia – Social and Behavior Sciences*, 38, 253-263.
- Cummins, R., & Lau, A. (2005). *Personal Wellbeing Index – School children*. 3rd Edition. Melbourne: Deakin University.
- Diener, E., Suh, E., Lucas, R., & Smith, H. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125(2), 276-302.
- Diener, E. (2012). New findings and future directions for subjective well-being research. *American Psychologist*, 67(8), 590-597.
- Galinha, I. & Ribeiro, J. L. P. (2005). História e evolução do conceito de bem estar subjetivo. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 6(2), 203-214.
- Goswami, H. (2012). Social relationships and children's subjective Wellbeing. *Social Indicators Research*, 107, 575-588.
- Góis, C.W.L. (2005). *Psicologia comunitária: Atividade e consciência*. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire.
- Góis, C. W. L. (2012). *Psicologia clínico-comunitária*. Fortaleza: Banco do Nordeste.
- Elvas, S. & Moniz, M. (2010). Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. *Análise Psicológica*, 3(XXVIII), 451-464.
- Franco, A. (2004). O local mais desenvolvido do mundo DLIS. Distrito Federal, Brasil: Agencia de Educação para o Desenvolvimento.
- International Wellbeing Group. (2006). *Personal wellbeing index—adult—manual*, 4th version. Melbourne: Australian Centre on Quality of Life, Deakin University. Retrieved from: http://www.deakin.edu.au/research/acqol/instruments/wellbeing_index.htm
- Marante, L.R.P. (2010). *A reconstrução do sentido de comunidade: Implicações teórico-metodológicas no trabalho sobre a experiência de sentido de comunidade*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação Integrado em Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Montero, M. (2004). *Introducción a la psicología comunitaria: Desarrollo, conceptos y procesos*. Buenos Aires: Paidós.
- McMillan, D. W. & Chavis, D. M. (1986). Sense of community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14(1), 6-23.
- Oros, L. (2009). El valor adaptativo de las emociones positivas. Una mirada al funcionamiento psicológico de los niños pobres. *Revista Interamericana de Psicología*, 43(2), 288-296.
- Pollard, E. L. & Lee, P. D. (2003). Child well-being: A systematic review of the literature. *Social Indicators Research*, 61, 59-78.
- Rogers, M. (2012). "They are there for you": The importance of neighbourhood friends to children's well-being. *Child Indicators Research*, 5, 483-502.
- Ryan, R. M. & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annu. Rev. Psychol.*, 52, 141-166.
- Sarriera, J. C.; Casas, F.; Alfaro, J.; Bedin, L.; Strelhow, M. R.; Abs, D.; Valdenegro, B.; García, C.; Oryazun, D. (2014). Psychometric Properties of the Personal Wellbeing Index in Brazilian and Chilean Adolescents Including Spirituality and Religion. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27, 599-608.
- Sarriera, J. C.; Strelhow, M. R.; Bedin, L.; Moura Jr., J. F.; Rodrigues, A.L.; Calza, T. Z. (2015). Adaptation of the Sense of Community Index for Brazilian Children. *Paidéia*, 25, 39-47.
- Sarriera, J. C. (2011). Desafios atuais na saúde comunitária no Brasil. In: J.C. Sarriera (org.). *Saúde Comunitária: conhecimentos e experiências na América Latina* (pp. 246-257). Porto Alegre: Sulina.
- Sarason, S. B. (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. San



Francisco: Jossey-Bass.

Swindells, R., Lawthom, R., Rowley, K., Siddiquee, A., Kilroy, A. & Kagan, C. (2013). Eudaimonic well-being and community arts participation. *Perspectives in Public Health*, 133(1), 60-65.

Received: 09/29/2014
Accepted: 06/08/2016